

# NOTAS SOBRE A FORMAÇÃO DO AUTORITARISMO NO CHILE: PENSAMENTO POLÍTICO NA DÉCADA DE 1900

## NOTES ON THE FORMATION OF AUTHORITARIANISM IN CHILE: POLITICAL THOUGHT IN THE 1900s

Thiago Ernesto Possiede da SILVA<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo busca compreender a formação do autoritarismo no Chile a partir de ideias e elementos que entraram em circulação por meio de intelectuais alinhados com o pensamento conservador. Nacionalismo, antiliberalismo e teorias raciais foram componentes na gestação de conjuntos de ideias que estiveram em constante trânsito nos conflitos entre os grupos de direita e entre os grupos dirigentes e a classe trabalhadora na primeira década do século XX, cujos desdobramentos específicos estiveram presentes em algumas publicações de intelectuais chilenos daquele contexto.

**Palavras-chave:** História Política; Ideias Políticas; Chile; Intelectuais;

**Abstract:** This article seeks to understand the formation of authoritarianism in Chile from ideas and elements that went into circulation through intellectuals aligned with conservative thought. Nationalism, anti-liberalism and racial theories were components in pregnancy sets of ideas that were in constant movement in the conflict between the right groups and between the leaders and the working class groups in the first decade of the twentieth century, whose specific developments were present in some publications of Chilean intellectuals that context.

**Keywords:** Political History; Political Ideas; Chile; Intellectuals;

O objetivo deste texto é discutir a formação do autoritarismo no Chile através de alguns elementos presentes em um conjunto de obras que foram publicadas na primeira década do século XX. Buscamos demonstrar a pertinência deste tema, primeiro, pela ausência de estudos no Brasil, acerca do Chile, que estudam o período do início do século XX até o final da década de 1930 com uma perspectiva de analisar e compreender a formação do autoritarismo de forma mais complexa, dedicando uma atenção sistemática na relação de elites políticas, econômicas e sociais com o Estado e as utilizações de conceitos políticos que estes grupos desenvolvem em suas relações.

Segundo, a contribuição deste estudo pretende partir deste ponto, identificando elementos que circulam e compõem um processo constante e sem conclusão, de gestação tanto de ideias e de práticas que convergem para um fim em comum, isto é, disputar e ocupar o Estado para garantir a manutenção de uma agenda que favoreceu a permanência de um sistema de valores, crenças, práticas e interesses – econômicos, políticos e sociais -, cujo qual também se encontrou em disputa entre os grupos de

---

<sup>1</sup> Mestre em História – Doutorando – Programa de Pós-Graduação em História – Departamento de História – UFPR – Universidade Federal do Paraná – Campus Reitoria. Curitiba, PR – Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: thiagopossiede@gmail.com

direita. Assim, destacamos um espaço complexo de lutas pelo poder que é fracionado em si. Identificar estas frações, suas dinâmicas e os conceitos políticos articulados por elas é um trabalho que deve ser enfrentado.

Pensando com este escopo, as questões a serem apontadas neste texto concentram-se em refletir a respeito do pensamento político no Chile do início do século XX e suas relações com o Estado-nação. Para esse objetivo, faremos um esforço de compreender o pensamento racial e seus possíveis vínculos com os projetos e concepções sobre o Estado por parte de alguns intelectuais chilenos. Como uma via de acesso para este objetivo, sublinhamos, inicialmente, o livro *Raza Chilena* de Nicolás Palacios.

Segundo Charles Halle, o autoritarismo na América Latina foi uma tendência predominante entre 1870 a 1930, entretanto, comenta que não devemos considerar esse fato como algo homogêneo, ou seja, ao mesmo tempo, o autoritarismo fundamenta-se e aponta para uma diversidade de ideias políticas e sociais. Para uma investigação que considere a complexidade desta heterogeneidade de pensamentos que constituíam as agendas políticas dos grupos de direita no Chile (HALLE, 2009, p. 414), segue: após elencar as relações entre Raça, Estado e Nação, o debate a ser realizado dedica-se em refletir a respeito do pensamento político da direita latino-americana e o lugar da direita chilena nesse universo político.

Nossa hipótese é a de que o autoritarismo constituiu produto do entrelaçamento social. Surgiu dos conflitos de vários grupos e interesses sociais, até que, cedo ou tarde, os instrumentos que foram desenvolvidos nas constantes provas de força, entre elites políticas e econômicas, como entre estas e a classe trabalhadora, se tornaram conhecidos e transformaram-se em organização ou instituição, ou em práticas constantes e dissolvidas nas relações sociais.

A seguir, buscaremos identificar alguns elementos que constituíram esse conceito de autoritarismo, sendo eles o nacionalismo e as teorias raciais.

### *Teorias raciais e nacionalismo*

Nicolás Palacios nasce em 1854, na cidade de Santa Cruz, numa aldeia colchaguina do Chile, pouco mais de cento e oitenta quilômetros ao sul da capital Santiago. Era o mais velho entre seis irmãos, e dentre seus irmãos, três eram mulheres. Seus pais eram naturais do Chile, o pai chamava-se Faustino Palacios e sua mãe, Jesús Navarro. Seu pai, comerciante, foi também agricultor e dedicado ao cultivo de uvas para

a produção de vinho. Segundo o irmão, Senén Palacios, durante a infância, Nicolás Palacios foi uma criança saudável e muito ativa. Para Senén, as características físicas do irmão apresentavam a tese que, anos mais tarde, Nicolás defenderia em seu livro *Raza Chilena*. De acordo com o seu irmão, isso era

el predominio racial en su primera infancia de la herencia paterna, de estirpe goda casi pura. Más tarde comenzó a predominar en el la herencia materna, más rica en sangre araucana. Representaba, por consiguiente, el tipo netamente chileno, mestizo, producto étnico de la fusión de las razas, la conquistadora con la conquistada (PALACIOS, 1918, p. 07).

Ainda na infância, Nicolás Palacios e seus irmãos ficariam sem a figura materna, devido ao falecimento da mãe. Senén Palacios destaca que isso levou a todos a estarem sob a direção do pai, homem dominante e severo, pouco afetivo, excluindo da educação dos filhos as intimidades carinhosas do meio familiar, que segundo ele eram próprias para afeminar o caráter, podendo fragilizá-los. Faustino Palacios fazia os filhos beijarem sua mão, fazendo referência a um sinal de vassalagem, visando obediência e respeito absolutos. Contudo, Senén Palacios comenta que seu pai era uma pessoa instruída, gostava de explicar para Nicolás, por exemplo, o movimento dos astros, ensinar os nomes das constelações estelares, incentivando-o a ler, despertando o interesse do filho em exercitar a atenção (PALACIOS, 1918, p. 08).

Em 1874, Nicolás Palacios graduou-se no bacharelado em Humanidades, no Instituto Nacional de Santiago. Naquele momento, demonstrava interesse em discutir assuntos que circundavam temas da política, ciência, religião e artes. Suas principais referências nestes assuntos foram os escritos políticos de Francisco Bilbao, as ciências naturais de Charles Darwin e o positivismo de José Victorino Lastarria. O desejo de seu pai era que o filho Nicolás seguisse uma carreira profissional, nesse sentido, escolheu a medicina como caminho a seguir. Entretanto, Senén Palacios cita que a medicina não forneceu para o irmão o objetivo almejado, isto é, não encontrou na medicina a verdade científica e exata que imaginara (PALACIOS, 1918, p. 12).

Aquele foi um estágio da história da medicina em que a nova escola bacteriológica ainda não havia determinado as bases científicas do saber médico, onde, posteriormente, a cirurgia e a higiene moderna seriam ramos deste saber. A aproximação com a obra de Darwin tornaria Nicolás Palacios um apaixonado pela *Origem das Espécies*. Desse modo, podemos pensar que sua tese da hibridação entre o europeu e o guerreiro araucano/mapuche poderiam ter sido forjadas, neste primeiro

passo, pelas suas leituras da obra de Darwin e do livro *La Araucana* do espanhol Alonso de Ercilla, que exalta os feitos heroicos dos araucanos, na guerra entre espanhóis e mapuches (PALACIOS, 1918, p. 12).

Nicolás Palacios participava de encontros da *La Academia Literaria* e concentrava-se em uma rotina que circundava estudos de medicina, pintura, escultura e trabalhos literários em prosa. Alguns anos depois, em 1879, a Guerra do Pacífico entre Chile, Bolívia e Peru faria correr pelo território chileno uma onda de patriotismo, incendiando a alma nacional em um ardor bélico. Durante os anos de guerra, participou do conflito como médico do exército chileno. Na última década do século XIX, entrou em contato com os escritos de Herbert Spencer. A obra de Spencer motivou admiração em Palacios, a recepção destas ideias o tornou um convencido individualista e inimigo do socialismo, algo que sempre condenou (PALACIOS, 1918, p. 17).

Nesse mesmo contexto, dedicou-se ao estudo do problema industrial do salitre, escrevendo na imprensa uma série de artigos impregnados de patriotismo, centralizando seus argumentos em propostas de nacionalização da indústria salitreira e objetivando a defesa deste setor da exploração estrangeira. Senén Palacios comenta que nesses artigos do irmão aparecem o “fanático defensor de su patria y el paladin de su raza. Fruto de sus meditaciones i estudios, surgia lentamente en su cerebro una idea genial y se acentuaba su perfil de apóstol de una causa, de una causa nacional.” (PALACIOS, 1918, p. 20)

O problema que interessou Nicolás Palacios definiu-se em compreender a origem étnica do povo chileno. Para realizar tal projeto, a sua experiência nos estudos das obras de Charles Darwin e de Herbert Spencer foram significativas na medida em que possibilitaram o desenvolver de seu próprio pensamento racial e político. Os comentários biográficos que Senén Palacios apresenta a respeito do irmão, presentes na segunda edição de *Raza Chilena*, sugerem alguns pontos para uma compreensão do surgimento das teses do autor deste livro.

A partir do contato que Nicolás Palacios estabeleceu com os trabalhadores dos pampas chilenos, da observação atenta das características destes, sobretudo em relação aos costumes, aos aspectos fisionômicos, aos modos de ser, de pensar e de sentir e, neste aspecto, na comparação deste conjunto de observações com o seu conhecimento sobre trabalhadores de outros países – sul-americanos e europeus de origem latina – levaram o médico a formular uma concepção nova, a uma ideia que apresentou como original acerca dos chilenos. Estes formariam uma entidade racial única e bem definida, de características próprias e que seria a base étnica da nação. (PALACIOS, 1918, p. 21)

Além de suas leituras sobre Darwin e Spencer, debruçou-se na convicção de que estas observações eram verdadeiras, esta convicção o levou para o rastreamento das origens do sangue chileno em um amplo campo de produção literária e científica. Buscou, por um lado, estudar todos os historiadores chilenos, passando pelas cartas de Pedro de Valdivia ao rei da Espanha e pelas atas do Cabildo de Santiago; trouxe livros da Europa que tratavam de estudos em antropologia, etnologia, biologia, psicologia étnica, linguística e filologia; por outro lado, foi atrás das histórias dos povos que habitaram a Espanha desde as suas supostas origens, circulando estudos a respeito dos iberos, celtas, fenícios, bascos, romanos, godos, árabes e bereberes africanos; por fim, aproximou o seu olhar para toda obra que tratava de raças, mestiçagem e estudos que potencialmente poderiam lhe elucidar a respeito do problema que estava pesquisando. (PALACIOS, 1918, p. 21)

Segundo o historiador Horácio Gutiérrez, o problema da mestiçagem e, por conseguinte, os defeitos e virtudes do mestiço foram especialmente debatidos nas curvas do século XIX para o século XX. Considerava-se uma questão necessária, na América Latina, discutir o papel das raças e os lugares que cada uma teria na construção da nação e de sua identidade. Para o autor, ocorreu um processo de transformação do mestiço chileno de origem urbana, conhecido como *roto*, em um tipo que representaria a *chilenidade*. Esse mestiço, o qual Nicolás Palacios percorre o caminho de colocá-lo ao centro do debate, foi desprezado durante o século XIX, porém, ressurgiu para ressignificar as origens do povo chileno, na tentativa de destacarem nele certas qualidades que não eram valorizadas, mas que são reproblematicadas a caminho de tornar-se o símbolo da nação. (GUTIÉRREZ, 2010, p. 139)

O darwinismo social e o organicismo spenceriano compreendiam que a América Latina era um espaço de lutas desenfreadas entre grupos sociais pela sobrevivência, bem como vítima de “doenças orgânicas”. Para Arthur de Gobineau, que teve grande influência nos países da América, a mestiçagem como consequência da escravidão dos africanos provocou a degradação da raça branca, corrompendo a pureza do sangue das nações; Darwin possuía dúvidas sobre a real potencialidade da perversão da mestiçagem para o futuro destas; Spencer afirmava que o mestiço era um elemento instável e incapaz de ser fundador de civilizações sólidas e criativas. Diante disso, o discurso racial do século XIX teve ressonâncias significativas no pensamento social, político e literário, estando presente em muitos intelectuais latino-americanos. (GUTIÉRREZ, 2010, p. 140)

A primeira parte de *Raza Chilena* intitula-se *Etnogenia. Orígenes de la sangre chilena*. Palacios escreve que “el roto chileno es una entidad racial perfectamente definida y caracterizada. [...] La raza chilena, como todos saben, es una raza mestiza del conquistador español y del araucano [...]”. Para o autor, “el pueblo pobre de Chile” foi “desheredado dentro de su propia patria, a la que tanto ama, cuyas glorias han sido adquiridas al precio de su sangre y por la cual está en todo momento a dar alegre en su vida.” (PALACIOS, 1918, p. 34)

Estes argumentos de Palacios estão relacionados ao seu posicionamento contrário à imigração em massa para o Chile, sobretudo de povos de origem latina. Sugere que a imigração e colonização estariam subvertendo o seu projeto de Estado, que circunscreve um Estado racial que esteja vinculado às origens do povo chileno. Assim, manifestava, em seus escritos, posturas simpáticas à imigração dos povos germânicos, estes ofereceriam o restabelecimento dos laços sanguíneos originários e de uma ordem moral, que estava em decadência, devido aos longos anos de governos oligárquicos liberais.

O anti-imigracionismo de Palacios opunha-se, sobretudo, a uma tradição que esteve vigente desde a vida independente do país, como meio eficaz de impulsionar o seu progresso. Esta intenção formou parte dos projetos de Bernardo O’Higgins desde 1822. A imigração também constituiu um elemento fundamental no projeto modernizador do presidente Balmaceda. O historiador Leonardo Mazzei de Grazia reflete que Palacios compreendia esses projetos de colonização como estabelecimento de um pequeno Estado dentro do Chile, uma espécie de parasitismo no país, deixando os cidadãos chilenos em segundo plano. (GRAZIA, 1994, p. 33)

Na concepção de Palacios, a raça nacional não é latina e a imigração desta origem deveria ser bloqueada para o Chile, seus esforços concentravam-se em provar os laços de parentesco do *roto* chileno com as suas origens, tanto do ponto de vista linguístico como do ponto de vista étnico.

Lilia Moritz Schwarcz comenta que a mestiçagem racial apresentava-se como uma nova realidade do pensamento social daquela época, pois evidenciava que os mestiços mostravam a diferença fundamental entre as raças, personificando a degeneração que viria do cruzamento de “espécies diversas”. O raciocínio comum era que a hibridação deveria ser um fenômeno a se evitar. (SCHWARCZ, 1993, p. 56). A particularidade deste pensamento no Chile é justamente a oposta, isto é, havia um esforço de elevar a figura do mestiço ao nível da superioridade racial, tese esta levantada por Nicolás Palacios.

Miguel Alvarado Borgoño argumenta que há uma hipótese totalizante, poética e retoricamente sólida em *Raza Chilena*, formulada a partir das ferramentas intelectuais que estavam em disposição do autor, como o saber científico, a história, biologia, sociologia, antropologia e linguística. Borgoño propõe a existência de uma *vontade de poder ideológica*, um fio condutor que estaria originado nesta obra, conduzindo certas continuidades nos escritos de Francisco Antonio Encina – *Nuestra Inferioridad Economica*; e em Jaime Eyzaguirre – *Hispanoamerica del dolor y otros estudios*<sup>1</sup>. O modelo argumentativo que se apresentou nestes textos estaria reunido ao projeto da ditadura militar de Augusto Pinochet da década de 1970, precisamente como projeto cultural de refundação dos mitos originários da identidade nacional chilena. (BORGOÑO, 2005, p. 15)

Pela permanência e duração, as questões sugeridas pelo médico chileno estavam vinculadas com as relações entre uma *política científica* e o autoritarismo. Consideramos que é necessário um esforço de situar o que foi apresentado até aqui ao pensamento político que cruza o contexto da América Latina oitocentista, conectando o Chile a este cenário mais amplo.

Seguindo os argumentos de Charles Halle, as elites dirigentes da América Latina absorveram preceitos importantes do positivismo, mesmo este não sendo uma teoria da política de maneira explícita. Certo conceito de *política científica* foi veiculado de modo formal no Chile e no México. Em linhas gerais, isto implicou a aplicabilidade dos métodos da ciência aos problemas nacionais, proposta que parecia pertinente para as elites políticas, pois os políticos deveriam se afastar das teorias abstratas que, por exemplo, haviam produzido apenas revoluções e desordem. (HALLE, 2009, p. 352)

A recusa das abstrações políticas evidenciou, ao mesmo tempo, o paradoxo dos adeptos da política científica em reverenciar a teoria. Um dos princípios era que a sociedade deveria ser administrada, não mais governada, por representantes eleitos. A industrialização deveria ser a característica predominante destas sociedades, cujas elites efetuariam intervenções na medida em que perceberiam as relações entre análises científicas e análises políticas das sociedades, podendo ser os líderes da regeneração social. Halle aponta que essas ideias, em sua forma latino-americana modificada, fortaleceram a tendência à tecnocracia. (HALLE, 2009, p. 353)

De acordo com o autor, houve uma relação de ambivalência entre a política científica e o liberalismo político da América Latina, este havia se transformado de ideologia em mito. A partir de 1870, a crença liberal nos esquemas constitucionais havia sido erodida pelas influências das teorias sociais e históricas semelhantes ao

positivismo. Para Halle, as correntes autoritárias e tecnocráticas da política científica colaboraram para esse processo de erosão. A complexidade do debate político é possível de ser observada quando havia a reivindicação dos defensores da política científica, em seus próprios termos, como liberais ou “liberais-conservadores”. Assim, Halle comenta que a conciliação destes termos, que eram teoricamente contraditórios, foi uma característica deste momento. (HALLE, 2009, p. 353)

Outra característica foi o florescimento do positivismo como um conjunto de ideias sociais na América Latina. O sistema positivista possuiu ressonâncias em Nicolás Palacios, principalmente se são consideradas suas referências, como destacado ao início deste texto, com a presença do positivismo de José Victorino Lastarria. Desse modo, a partir de Herbert Spencer, os latino-americanos apontaram as atenções nas peculiaridades de suas próprias sociedades. Para Halle, as ideias de Spencer foram objeto de reflexão intelectual entre 1890 e 1914, pois o modelo de evolução social que apresentou estava fundamentado no desenvolvimento de sociedades particulares, seus escritos baseavam-se em um programa de dados comparativos acerca de costumes, crenças, rituais e especificidades étnicas.

Esta agenda de trabalho esteve presente nos escritos de Palacios, cuja obra de Spencer é uma de suas fontes. Até aqui, podemos compreender que, tanto o positivismo, a política científica e o darwinismo social foram matéria-prima básica e pautavam a agenda política da América Latina, pois, de acordo com Halle, “um elemento do sistema evolutivo de Spencer, embora não seja o primeiro, é a raça, que acabou por tornar-se a preocupação central do pensamento social latino-americano.” (HALLE, 2009, p. 363). A carreira da medicina de Palacios possibilitou abordagens diagnósticas a respeito de seu problema de pesquisa.

Halle discute que este ponto é significativo porque Gustave Le Bon, inicialmente médico, dedicou sua abordagem da ciência social como diagnóstica, “uma característica que aparece também no pensamento latino-americano. Eram inúmeros os intelectuais que se diziam ‘os diagnosticadores de um continente doente’” (HALLE, 2009, p. 366). A diferença é que Nicolás Palacios não expõe a mestiçagem como um diagnóstico de resultado negativo, mas, como algo que elenca a potencialidade do mestiço chileno a ser o paradigma de uma nova raça.

De maneira semelhante, após 1870, a circulação do pensamento evolucionista possibilitou uma nova compreensão da raça. O objeto dos escritos do mexicano Justo Sierra centralizava o crescimento da nação mexicana como “personalidade autônoma”, sendo um dos elementos a mestiçagem. A lógica do pensamento de Sierra é a mesma de

Palacios, destacando que os mexicanos são a consequência de duas raças que se cruzaram nos conflitos entre espanhóis e indígenas. Em outras palavras, entre o conquistador e o guerreiro nativo, tal como a tese presente em *Raza Chilena*.

Não podemos pensar a questão racial sem integrá-la a outras esferas, como, por exemplo, às questões econômicas. A historiadora Sandra Deutsch comenta que ao final do século XIX, chilenos vinculados com as elites provinciais ou os setores médios, perceberam problemas no desenvolvimento nacional. Naquela conjuntura, a economia se verificava instável.

O setor exportador de salitre provocou um estímulo da expansão das cidades, ferrovias, indústrias e da agricultura no sul do país, dessa forma, as rendas derivadas do salitre financiaram a educação e projetos de obras públicas. Em contrapartida, as empresas britânicas que compunham este setor no final do século XIX enviavam grande parte de seus ganhos ao exterior. A demanda do salitre era instável, de modo que, quando declinava, as consequências sobre o emprego e o resto da economia foram significativas, afetando os salários dos trabalhadores. (DEUTSCH, 2005, p. 31)

Considerando estes aspectos, juntamente com uma pobreza que atingia a maioria dos chilenos, uma abrangente dependência das relações comerciais proporcionadas pelo salitre e o subsequente controle da indústria por grupos internacionais posicionavam intelectuais e elites locais numa relação de oposição e crítica a estas características que se desenhavam na conjuntura chilena. (DEUTSCH, 2005, p. 32)

O nacionalismo antiliberal emerge neste conjunto de situações em que os atores sociais compreendem-se enquanto sujeitos que estão diante de crises políticas, sociais e econômicas. Entre os anos de 1880 a 1914, aproximadamente, o nacionalismo avançou e tanto seu conteúdo ideológico e político transformaram-se. À *causa nacional* era atribuída uma importância política que deveria conduzir as relações entre Estado e sociedade no direito à autodeterminação, extirpando os problemas que estavam no caminho da unidade da nação. De acordo com Eric Hobsbawm, os nacionalismos possuíam uma base em comum, este sedimento foram os laços emocionais que fizeram com que as pessoas se identificassem com a nação e que poderiam ser potencialmente mobilizadas para fins políticos.

Hobsbawm sinaliza que a essência do nacionalismo de direita, traço presente em Estados-nação estabelecidos, fluiu da captura do patriotismo para a extrema direita política, sendo por meio deste espectro político a externalização de estigmas que identificavam grupos políticos e sociais como traidores, indesejáveis, desnecessários, etc. (HOBSBAWM, 2010, p. 228). É perceptível esta característica na conjuntura

chilena na medida em que as classes trabalhadoras e intelectuais, como Nicolás Palacios e Francisco Antonio Encina, dedicaram suas pressões e críticas às oligarquias liberais, apontando-as como traidoras da nação, ao vislumbrarem a Europa e virar às costas para as questões nacionais.

Segundo Hobsbawm, ocorreram mutações no nacionalismo com profundas consequências no século XX, podendo ser compreendidas em quatro aspectos. Pensar nos termos que Hobsbawm enumera nos oferece um campo onde podemos situar o caso chileno com maior sistematização, ou ao menos apontar a potencialidade da análise em relacionar o nacionalismo chileno com outras realidades, de modo que, mesmo possuindo peculiaridades que lhe é inerente, semelhanças com os nacionalismos europeus se fazem presentes.

O primeiro aspecto diz respeito à emergência do nacionalismo e do patriotismo como uma ideologia articulada pela direita; o seguinte seria a pressuposição de que a “autodeterminação nacional” se aplicou a todo e qualquer grupo que buscava reivindicar a identidade de *nação*, não limitando-se, assim, às nações que demonstravam suas bases econômicas, políticas e culturais; o terceiro aspecto foi o raciocínio de uma tendência progressiva de que a autodeterminação da nação não poderia ser estabelecida sem a plena independência do Estado; por fim, o último aspecto foi a tendência em definir a nação em termos étnicos e linguísticos. (HOBBSAWM, 2010, p. 230)

Estes quatro aspectos são pertinentes na reflexão, pois nos oferecem um ponto de partida para estabelecermos algumas considerações de ordem metodológica ou de orientação. Contudo, nos limitaremos ao nacionalismo e patriotismo como ferramenta ideológica da direita e à definição da nação com base em caracteres étnicos e linguísticos.

As reflexões de Benedict Anderson tornam-se interessantes para destacar a experiência chilena, sobretudo se apontarmos o autoritarismo chileno como parte da transformação do nacionalismo e da fundamentação de um Estado autoritário que esteve em processo de gestação, se observado em longo prazo<sup>ii</sup>. Em outras palavras, pensando pela via que Anderson abre, a questão concentra-se em abordar a nacionalidade e o nacionalismo como produtos culturais específicos sendo incorporados pelas constelações políticas e ideológicas da direita chilena (ANDERSON, 2008, p. 30)

Como sinalizado nas primeiras páginas deste ensaio, o problema da raça é pensado por Nicolás Palacios em termos centrais na sua obra, o personagem que representa a nação viria da mestiçagem entre o colonizador e o colonizado, unida a este ponto, a peculiaridade linguística também foi destacada. Seriam consideradas provas da

manifestação autêntica da alma da raça, tanto o mestiço e o seu dialeto, este sendo um traço particular desta mestiçagem. Darío Rojas sustenta que Palacios foi o primeiro intelectual chileno que adotou uma inclinação para um *nacionalismo etnolinguístico*, dedicando-se a análises linguísticas para sustentar a sua tese, principalmente quando relacionou o dialeto chileno como sendo herança da língua dos conquistadores godos. Em linhas gerais, a questão sintetizava uma conexão natural entre raça, língua e nação.

Rojas argumenta que Palacios expôs uma concepção etnonacionalista da história e da vida social, motivando-o a pensar sobre a linguagem. Pensando desta forma, Palacios colocou-se de forma contestatória diante da ideologia dominante das elites intelectuais de seu contexto, caracterizando uma intervenção linguístico-ideológica, cujo fim objetivava um projeto político voltado para a valorização dos traços culturais que até o momento foram vistos como degenerados e inferiores (ROJAS, 2014, p. 262)

Contudo, definirmos a obra de Palacios como um esforço para exaltar o mestiço é simplificar seu lugar no cenário político em que estava inserida. É preciso entender que o início do século XX no Chile foi marcado por um difundido mal estar, sentido pelas classes trabalhadoras mais pobres e por um conjunto de intelectuais, o qual Palacios esteve incluído, onde produziu um nacionalismo antiliberal. Este mal estar foi direcionado para as oligarquias salitreiras – e a valorização do *roto* chileno opõe-se a elas.

A historiadora Sofía Correa discorre que, durante a década de 1900 emergiram vozes dissidentes que esforçaram-se para serem ouvidas e para revelarem o lado em que o país se encontrava. Essas vozes foram diversos autores com visões críticas do estado atual do Chile, não compatíveis com a imagem sustentada por grande parte da classe dirigente, satisfeita com as realizações do passado – com a vitória da Guerra do Pacífico e da extração do salitre no norte chileno. Os escritos desses autores, embora convergindo na compreensão de que havia uma crise, divergiam na abordagem das causas, buscavam, sobretudo, definir a natureza ou clarificar as dimensões da vida nacional nas quais a crise se manifestou com maior intensidade. (CORREA, 2001, p. 44)

Gabriel Salazar e Julio Pinto citam que o período parlamentar, iniciando a partir de 1891, começa com uma elite triunfante que derrotou o presidente José Balmaceda. Liberada das restrições do autoritarismo presidencialista, quase imediatamente se encontrou numa profunda crise de legitimidade e de representação, provavelmente sem precedentes desde o início da República. Para Salazar e Pinto, segundo a visão mais

presente nos manuais escolares acerca da interpretação do período, o desdobramento da Guerra Civil de 1891 marcou o esgotamento da aristocracia oitocentista.

Esta, depois de quase um século de governo, deslumbrada pelo lucro fácil que a indústria do salitre lhe proporcionava e de seu poder sob o regime parlamentar, converteu-se em uma classe ociosa, despreocupada com o destino do país e cega diante das demandas sociais, políticas e econômicas das classes médias e da pobreza que assolava grande parte da população, em geral trabalhadora, imersa na miséria. (SALAZAR; PINTO, 1999, p. 38)

Intelectuais e ensaístas denunciaram este esgotamento e cegueira oligárquica. Somado a Palacios, a intervenção de Alejandro Venegas – que utilizava o pseudônimo de Valdes Cange, tendo publicado *Sinceridad: Chile íntimo en 1910* – agregava a este movimento de contestação, bem como o historiador Francisco Antonio Encina e o ativista operário Luis Emilio Recabarren. Tanto os historiadores Gabriel Salazar e Julio Pinto, como a historiadora Sofía Correa esclarecem que estes autores esboçaram cada um a seu modo, visões apocalípticas do futuro da nação, dada a crise política, econômica e social que estavam inseridos.

Segundo Correa, Palacios observou no Chile uma disposição oficial de favorecimento do estrangeiro sobre o chileno, cedendo para aquele a economia local e oportunidades de colonização do país, desfavorecendo os setores médios e populares do país. Para Palacios, isto significava a extinção dos sentimentos patrióticos e, de modo geral, todos insistiam na ideia básica da oligarquia como uma classe decadente, que estava levando o país para o desastre. (CORREA, 2001, p. 44)

Salazar e Pinto buscam sintetizar o problema da crise da passagem do século XIX para o XX, apontando algumas particularidades, como: as causas do descrédito da oligarquia tradicional começaram a serem gestadas desde a década de 1870, as lutas pela conversão monetária – polêmica entre grupos partidários do estabelecimento do padrão ouro e grupos defensores da não conversão do papel moeda -, as querelas eclesiásticas e as batalhas eleitorais debilitaram a coesão econômica, porém, a Guerra do Pacífico adiou a crise por um curto período, onde foi possível um bem-estar econômico gerado pela guerra e uma vitória contra o presidente José Balmaceda. (SALAZAR; PINTO, 1999, p. 39)

Em contrapartida a esta interpretação da oligarquia como classe ociosa, Salazar e Pinto indicam, por exemplo, o estudo de Luis Vitale, intitulado *Interpretación Marxista de la historia de Chile*, onde se busca entender esta conjuntura enfatizando mais as transformações estruturais pela qual a burguesia industrial passou neste período crítico.

Nesse sentido, a burguesia mineradora do norte chileno teria praticamente desaparecido, vendendo suas posses aos melhores compradores diante do avanço do capital estrangeiro na exploração do cobre e do salitre.

Mais adiante, nos anos 1920, essa burguesia havia aliado-se às elites agrárias, industriais, mercantis e financeiras. Diante disso, Salazar e Pinto chamam a atenção sobre a enraizada hesitação dos setores proprietários de terra para a modernização da produção agrária como uma das causas da crise da velha oligarquia e de seu poder político, e do surgimento de uma nova burguesia industrial, de novos setores burgueses comerciais e de construtores, emergentes da *fiebre de lujo*, consequência da riqueza salitreira. (SALAZAR; PINTO, 1999, p. 40)

Os autores argumentam que, no trânsito do século XIX para o XX, a elite dirigente enfrentou uma crise de legitimidade e de predomínio político, era seu modelo de país e suas práticas como classe dominante que estavam esgotando. Sendo uma oligarquia liberal na economia, conservadora politicamente, libertária nas lutas congressistas, esbanjando um conceito específico de cultura, elegância e aberta ao comércio exterior, havia conseguido manter o poder sem grandes problemas desde, pelo menos, 1830. Todavia, o contexto era outro, seu equilíbrio econômico tornou-se discutível, como a quase inexistente iniciativa de políticas sociais. A crítica à oligarquia não tinha raízes apenas na classe média e na esquerda, em seu próprio interior havia vozes de insatisfação e de protesto. (SALAZAR; PINTO, 1999, p. 40)

### *Conflitos pelo Estado*

Que Estado os críticos da oligarquia esperavam? Como pensavam suas concepções a respeito? É possível extrair da crise um projeto de Estado? Francisco Javier Pinedo cita que o conjunto de críticos reunidos em oposição à oligarquia exigiam maior participação do Estado no desenvolvimento econômico, partindo de uma matriz que reuniu críticas nacionalistas, antiliberais, socialistas, anticlericais e antioligárquicas. (PINEDO, 2011, p. 31)

O início do século XX encontrava-se em conflitos sociais violentos, como greves e mortes de operários. O massacre de Iquique em 1907 evidenciou a fragilidade do modelo político e a intransigência da elite governante<sup>iii</sup>. Nesta conjuntura, o historiador Francisco Pinedo reflete que o nacionalismo antioligárquico e antiliberal caracterizou-se por elementos conservadores, como é o de Palacios, idealizando o

ministro Diego Portales – conhecido ditador do século XIX – na qualidade de fundador do Estado chileno.

De acordo com Pinedo, o nacionalismo presente em Palacios abarcou setores da elite e, por conveniência ou vontade política, endossaram essas abordagens. Outro exemplo são os escritos de Guillermo Subercaseaux publicados na década seguinte, em 1918, concebendo o nacionalismo como uma via programática viável para resolver os problemas do país. Subercaseaux tinha origem no setor social e cultural mais elevado, mantendo ao mesmo tempo, como outros de sua época, um orgulhoso sentimento de nacionalidade e decepção. Assim, Pinedo destaca que esses escritos devem ser considerados como reflexões da elite chilena do início do século acerca de quais projetos políticos deveriam ser adotados e qual modelo de país a se construir. (PINEDO, 2011, p. 36)

Mario Góngora discute a atuação de Enrique MacIver, conhecido por ser um radical, e principalmente pelo seu discurso em 1900 a respeito da “crisis moral de la República”, onde discorre sobre a estagnação da vida chilena, o declínio da moral pública e do empreendedorismo. Para MacIver, a moralidade pública significou o cumprimento do dever, que deveria sustentar o vigor e a eficácia da ação do Estado. (GÓNGORA, 1981, p. 31)

Em seu prefácio, Góngora indica que o Estado é a matriz da nacionalidade no Chile, a nação não existiria sem o Estado. O autor realiza uma breve análise de intelectuais chilenos que estavam envolvidos nos debates políticos que convergiam para a questão da crise em que o país estava no início do século XX. Diante disso, Góngora sugere que entre esses intelectuais e/ou políticos predominou uma concepção de Estado inclinada para uma orientação nacionalista e tecnocrática em termos de educação, protecionista na economia, com forte intervenção estatal onde a iniciativa privada é falha, nacionalização de todas as indústrias e dos bancos. Por outro lado, aliada a esta agenda, foi interessante, também, o estabelecimento de um social-cristianismo para impedir a propagação do socialismo, mantendo distância, ao mesmo tempo, do liberalismo e do individualismo. (GÓNGORA, 1918, p. 38-43)

Gabriel Salazar e Julio Pinto contrapõem-se, de certa forma, a esta proposta ensaística de Mario Góngora, ao levantarem o seguinte problema: É quase um lugar comum afirmar que o Chile é um país onde o Estado possui uma presença forte. Nesse suposto lugar comum, o Estado parece ter existido desde sempre, herdado da estrutura republicana do passado colonial. Os autores expõem que a noção de Estado chileno como uma construção prévia e criadora da nacionalidade tem sido questionada e

debatida amplamente. Precisamente, tem-se apontado que a ideia de um Estado criador da nacionalidade provém de um equívoco interpretativo dos primeiros anos da vida republicana. (SALAZAR; PINTO, 1999, p. 46)

Este equívoco localiza-se em torno da consideração de que as elites que assumiram o controle do país, logo após o colapso do sistema colonial, não poderiam consolidar-se no plano político senão legitimando seu poder desta maneira, negando uma nação prévia ao Estado e ao modelo republicano-liberal que desejavam estabelecer. Logo, os autores destacam que não seria estranho que os *liderazgos* percebessem o Estado como seu instrumento, igualmente, como uma fonte de legitimidade e como um espaço de domínio, onde seria possível medir as forças, principalmente contra o poder das minorias sociais, consequentemente colocado em uma posição de séria ameaça.

Um dos casos mais estudados a respeito é a Guerra Civil de 1891, em que as elites sentiram os seus interesses serem ameaçados por um Poder Executivo que aparentemente estava disposto em utilizar o poder estatal para influir no *liderazgo* econômico, isto é, no controle da economia pelas elites. Segundo Salazar e Pinto, a interpretação marxista tradicional tem sido clara a esse respeito, argumentando que Balmaceda foi um estadista que entendeu que os lucros do salitre deveriam estar direcionados para a criação de um Banco Nacional, bem como em desenvolver um plano de obras públicas que permitiria o desenvolvimento da nação.

Desse modo, colocou-se numa posição para decretar o fim da desvalorização monetária, que era um meio da oligarquia latifundiária beneficiar-se. Contudo, Balmaceda foi derrotado na política, e segundo os autores, sua morte tem mais a ver com as suas intenções do que com os seus atos. Porém, os autores lançam uma pergunta: Aconteceu realmente um confronto entre oligarquia e Estado? (SALAZAR; PINTO, 1999, p. 47)

Em linhas gerais, o diagnóstico marxista sobre esta questão, elaborado entre 1930-1960, apoia-se na derrota do suposto projeto balmacedista de intervenção estatal, para desafiar o que o Estado nacional não havia realizado nos séculos XIX e início do XX, que era o impulso do desenvolvimento nacional, incorporando as massas excluídas através da democratização plena da sociedade e projetar a comunidade nacional em seu conjunto para um avanço maior em sua própria história.

Para os autores, essa interpretação não difere muito, em sua essência, da que foi realizada pela historiografia conservadora, tendo associado à noção de Estado a um modelo autoritário, ordenador e condutor da alma nacional. Por fim, o que distingue uma visão da outra é a ideia – que é própria do pensamento conservador -, de que estas

funções assinaladas são correspondentes às elites, cujo Estado é um espaço que deve ser ocupado e controlado por elas, enquanto que para a interpretação marxista, seria o fracasso destas elites no cumprimento adequado desta responsabilidade, o que justificaria a transferência do poder estatal para outras mãos. (SALAZAR; PINTO, 1999, p. 48)

Como pensarmos a direita nacionalista neste contexto? De acordo com o historiador José Luis Bendicho Beired, a direita antiliberal caracterizou-se como uma nova forma de representar uma ruptura com a direita tradicional, passando a encampar um conjunto de referências que circulavam entre o antiliberalismo, nacionalismo, estatismo e corporativismo e, em alguns casos, somaram-se o anti-imperialismo, o catolicismo e uma defesa das tradições hispânicas. Esta orientação que se apresentava significou tanto a recusa integral dos princípios e regras do liberalismo, como a defesa da não contaminação das tradições nacionais por culturas estrangeiras. (BEIRED, 2010, p. 532)

José Luis Romero reflete que o pensamento político da direita antiliberal foi compreendido como extremista e fanático, cujas ideias fundamentavam-se não apenas no tradicionalismo e na predisposição à conservação da ordem, mas também ao horror que foi causado pelas experiências dos regimes baseados no liberalismo ou estabelecidos sob os seus princípios. Esta direita representou, principalmente, grupos senhoriais que convergiram para um núcleo conservador que esteve disposto a participar da vida política para defender e consolidar suas convicções e posicionamentos. (ROMERO, 1970, p. 63)

Para Romero, o liberalismo significou para esses grupos o ateísmo e o caos desenfreado, signo de regicídio e de terror, da insolência das classes populares em ascensão, bem como a anarquia e sinônimo de crise econômica. A possibilidade para a restauração do mundo que havia sido destruído pelo projeto liberal foi uma via que se abriu para as direitas antiliberais. Houve numerosos matizes na reação antiliberal na América Latina e esses matizes, quando levados até suas últimas consequências, potencialmente conduziram a instauração de um poder forte, o que era esperado, para operar a sonhada restauração do passado. Romero argumenta que os grupos representativos da direita antiliberal atuaram em todos os países da América Latina, depois de suas respectivas independências. (ROMERO, 1970, p. 64).

Segundo Sandra Deutsch, por exemplo, tanto Argentina, Brasil e Chile tiveram importantes movimentos de direita entre o final do século XIX e início do XX, de

maneira que este período prenunciou alguns aspectos das ditaduras posteriores. O grau de influência da direita variou de uma nação para a outra. (DEUTSCH, 2005, p. 21).

Beired discute que os intelectuais ocuparam um lugar importante na manifestação desta agenda política, sendo, talvez, decisivos na gestação como no desenvolvimento da direita antiliberal, fornecendo líderes políticos e ideológicos. Segundo uma hipótese do autor, os intelectuais teriam sido os primeiros na assimilação e no desenvolvimento de novas sensibilidades, orientadas pela direção de novos valores de direita que estavam circulando em escala mundial. De acordo com Beired, a direita nacionalista na América Latina estava vinculada a um processo mais amplo, de reação ao liberalismo, constituindo, simultaneamente, reações aos processos de democratização e de secularização da política que estava em curso nos países localizados na região. (BEIRED, 2010, p. 533).

Haviam elementos compartilhados em comum, porém, as correntes da direita nacionalista se desenvolveram de maneira heterogênea em cada país, e isso se deu tanto na expressão ideológica quanto política. Consideramos que, assim como Beired destaca, qualquer análise sobre a direita nacionalista chilena não pode deixar de lado seus agentes intelectuais em suas atuações individuais ou coletivas, onde fundamentaram as bases teóricas do autoritarismo, de modo que os historiadores como Alberto Edwards e Francisco Antonio Encina foram dois dos principais ideólogos da direita chilena.

Por fim, o livro *Bosquejo histórico de los partidos políticos chilenos* de Alberto Edwards, publicado em 1903, constituiu um componente significativo para a formação de um conjunto de ideias conservadoras que amadureceriam nos próximos anos, defendendo uma reflexão profunda contra o sistema liberal, acusado de responsável pela mencionada crise chilena.

\*\*\*

Partindo da proposta de compreender o quadro do pensamento político chileno e alguns aspectos de sua base teórico-política, tentamos entender que a sociedade chilena possuiu uma tradição de autoritarismo arraigada em si, sendo um processo que acompanhou as transformações do Estado, desde a sua independência no século XIX. Na virada deste século para o seguinte, mudanças em relação às elites tradicionais e nas formas de administração do Estado eclodiram. A partir deste corte, sucessivos conflitos políticos e sociais entraram em maior evidência, de modo gradual, trazendo consigo alterações tanto das práticas políticas e de seus conceitos, bem como na organização de

partidos políticos. Assim, compreendemos a necessidade de analisar alguns elementos - nacionalismo, antiliberalismo, teorias raciais - que entraram em maior evidência a partir do início do século XX, cujos desdobramentos estiveram presentes nas décadas seguintes, em apropriações e remodelamentos por partidos, por intelectuais, por associações empresariais e pela burocracia estatal. Entender a formação de ideias, práticas e projetos conservadores contribui para uma maior sistematização do conceito de autoritarismo na América Latina e das suas especificidades em cada país.

## Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BEIRED, José Luis Bendicho. A direita nacionalista na América Latina: Personagens, práticas e ideologia. In: LIMONCIC, Flávio; MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. (orgs.). *Os intelectuais do antiliberalismo: Alternativas à modernidade capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BORGÑO, Miguel Alvarado. La pulsión por la identidad: Nicolás Palacios, maldito y moderno. *Literatura y lingüística*. Santiago, n. 16, 2005. pp. 15-30. p. 15. Disponível em: [http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0716-58112005000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0716-58112005000100002&script=sci_arttext). Acesso em: 06/06/2015.
- CORREA, Sofía et all. *Historia del siglo XX chileno: Balance paradójico*. Santiago: Editorial Sudamericana, 2001.
- DEUTSCH, Sandra. *Las derechas: La extrema derecha en la Argentina, el Brasil y Chile. 1890-1939*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2005.
- ENCINA, Francisco Antonio. *Nuestra Inferioridad Económica: Sus causas, sus consecuencias*. 5ª ed. Santiago: Editorial Universitaria, 1981.
- ERCILLA, Alonso de. *La Araucana*. Santa Fe: El Cid Editor, 2003.
- EYZAGUIRRE, Jaime. *Hispanoamerica del dolor y otros estudios*. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1979.
- GÓNGORA, Mario. *Ensayo histórico sobre la noción de Estado en Chile en los siglos XIX y XX*. Santiago: Ediciones la ciudad, 1981.
- GRAZIA, Leonardo Mazzei de. El discurso antiinmigracionista en Nicolás Palacios. *Atenea*. Nº 470, Concepción, Universidad de Concepción, 1994, p. 33-54.
- GUTIÉRREZ, Horácio. Exaltação do mestiço: A invenção do *roto* chileno. In: *Esboços* (UFSC), v. 20, p. 122-139, 2010.
- HALLE, Charles. As ideias políticas e sociais na América Latina, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie. (org.). *História da América Latina: De 1870 a 1930*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.
- HOBBSBAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- LETELIER, Alfredo Jocelyn-Holt. *La independencia de Chile: Tradición, modernización y mito*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.
- PALACIOS, Nicolás. *Raza Chilena: Libro escrito por un chileno y para los chilenos*. 2ª ed. Santiago: Editorial Chilenea, 1918. Tomo I.
- PINEDO, Francisco Javier. Apuntes para un mapa intelectual de Chile durante El Centenario: 1900-1925. *América sin nombre*. Nº 16 (2011), pp. 29-40. Disponível em: <

[http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/20637/1/ASN\\_16\\_04.pdf](http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/20637/1/ASN_16_04.pdf)> Acesso em: 12/06/2015.

ROJAS, Darío. Nicolás Palacios and Chilean Spanish. Ethnolinguistic nationalism in nineteenth-century Latin America. *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft*. La Rioja, n. 02, Vol. 24, 2014. pp. 247-265. p. 262. Disponível em:

<<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4964731>> Acesso em: 11/06/2015.

ROMERO, José Luis. *El pensamiento político de la derecha latinoamericana*. Buenos Aires: Paidós, 1970.

SALAZAR, Gabriel; PINTO, Julio. *Historia Contemporánea de Chile: Actores, Identidad y movimiento*. Santiago: LOM Editores, 1999. Vol. II.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

## Notas

---

<sup>i</sup> Francisco Antonio Encina busca traçar as consequências e causas do que compreende como inferioridade. Assim, aponta, por exemplo, análises acerca da “debilidad en nuestro organismo económico” e da “psicología económica del pueblo chileno”. ENCINA, Francisco Antonio. *Nuestra Inferioridad Económica: Sus causas, sus consecuencias*. 5ª ed. Santiago: Editorial Universitaria, 1981. p. 08.

Jaime Eyzaguirre irá comentar que “de este choque de razas inconexas, de angustias dispares, ha brotado el alma de la América hispana. Alma compleja y múltiple, rica como ninguna y apenas revelada aún en sus posibilidades”. EYZAGUIRRE, Jaime. *Hispanoamérica del dolor y otros estudios*. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1979. p. 12.

<sup>ii</sup> Alfredo Jocelyn-Holt Letelier analisa os traços autoritários do Estado chileno em seus estudos sobre o século XIX, precisamente a respeito do processo de independência do país. O problema político que se apresentou no pós-independência foi a questão de estabelecer um governo sólido e estável. Os anos seguintes configuraram um período de consolidação do republicanismo, de amadurecimento político, do equilíbrio de forças e do projeto conceitual do que já foi atingido até aquele momento. Durante aquele período do oitocentos é preparado o terreno para a consolidação institucional de caracteres liberais, e não conservadores, como é afirmado por uma tradição historiográfica conservadora do século XX, representada principalmente por Alberto Edwards, Francisco Antonio Encina, Jaime Eyzaguirre e Mario Góngora. Letelier chama a atenção que esta consolidação institucional de matriz liberal é autoritária e que, durante a década de 1830, já no processo posterior da Independência, são tentadas três estratégias distintas que se complementam, com o objetivo de resolver o problema político governamental, caracterizando-se em: um autoritarismo personalista, um esforço para o equilíbrio do poder civil com o poder militar e, por fim, ensaios de natureza jurídico-constitucional. Isso fica mais claro compreendendo esta conjuntura, segundo Letelier, em termos de uma transição autoritária, pois o problema central da *Patria Vieja* (1810-1814) foi o de legitimar-se, enquanto que o da *Patria Nueva* (de 1817 em diante) era estabelecer um governo viável. Nos dois casos, se tentou resolver a aporia combinando improvisações e certezas. Para o autor, no período pós-1817, alcançar um governo viável seria possível sob a base do reconhecimento de uma força nova, *el liderazgo militar*. Nesse sentido, o personalismo caudillesco surgiria como uma primeira tentativa para a resolução deste problema fundamental do pós-Independência. LETELIER, Alfredo Jocelyn-Holt. *La independencia de Chile: Tradición, modernización y mito*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992. pp. 225-230.

<sup>iii</sup> Em Iquique ocorreu uma greve operária e popular, onde participaram operários salitreiros e uma grande parte dos grêmios organizados da cidade, além dos *pampinos* vindos do deserto com suas esposas e filhos. Tornou-se conhecido como um episódio de extrema violência pelo motivo do general Silva Renard ter autorizado seus soldados em disparar as metralhadoras, atingindo aproximadamente seis mil pessoas. O pano de fundo da greve seria a crise econômica e moral que comentamos brevemente durante o texto. DURÁN, Mario Garcés. *Crisis social y motines populares en el 1900*. 2ª ed. Santiago: LOM Ediciones, 2003. p. 121.